

COSME E DAMIÃO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

A longa fila que você viu ontem na rua Evaristo da Veiga tinha uma particularidade que logo afastava a hipótese de se tratar de uma fila em busca da carne ou de algum empréstimo da Caixa Econômica:

era totalmente moça e masculina. Rapazes entre vinte e trinta anos, uns de casaco e gravata, outros em manga de camisa, todos muito sérios, muito compenetrados. Que fila seria aquela? Vi nos jornais que se trata de dois mil candidatos à admissão na Polícia Militar, dois mil candidatos a Cosme ou Damião. Há seiscentas vagas e o ordenado orça por dez mil cruzeiros. Entendi então a seriedade, a decência que ressaltava daquela fila e que em alguns casos chegava a ter um fulgor de garbo cívico. Antes mesmo de

serem admitidos e de prestarem concurso, ou de fazerem os testes exigidos, os moços já afinavam as almas pelo diapasão dessa admirável corporação que nos consola de muitos males. Candidato a Cosme ou Damião tem de ser moço direito, moço educado e disposto a bem servir esta maltratada população. Era essa prévia disposição das almas que se via no corpo, no modo de ficar em pé, no jeito de esperar, na atitude geral dos dois mil moços que aspiram a um dos mais decentes empregos desta república. Queira Deus que a seleção seja criteriosa e que os novos soldados da ordem e da paz não destoem de seus veteranos. Até hoje ainda não encontrei um só exemplo que me decepcionasse, e tenho feito inumeros testes, às vezes, frequentemente, irritado com os absurdos das regras de trânsito. Dirijo-me ao Cosme, ou ao Damião, e por mais irritado que esteja sou forçado a reconhecer, a me inclinar diante da urbanidade desses moços. É pena que o uniforme deles, com aquele capacete inútil, lembre os velhos figurinos da moda nazista. Mas não exijamos tanto. Não reclamemos pormenores na hora de louvar. Dizem que foi o general Ururá Magalhães que criou ou remodelou completamente a corporação que hoje tóda a cidade estima. Ah! é pena que depois de tão incontestável serviço, o general Ururá tenha aceitado a função de convencer o povo brasileiro de que a carestia da vida é provocada pelos açougueiros!

Em maré de otimismo, eu creio que não é só o ordenado, muito razoável para um rapaz solteiro, que atrai os moços que vi na rua Evaristo da Veiga. Há de ser também uma centelha de ideal cívico, um gosto pela ordem, um amor pela justiça. Tomara que eles admitam aquele rapaz escuro, quase preto, de roupa cinzenta, e aquele outro que tem olhos de poeta. Nós precisamos disto, meus amigos. Precisamos de anti-cafagestes.